

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O Ensino de História com a Educação de Jovens e Adultos, mediado por lugares históricos da cidade

João Carlos Ribeiro de Andrade¹

Resumo

Esta experiência do ensino de História foi realizada através de um trabalho interdisciplinar na E.M. Fausto F.de Oliveira, em Betim / MG, no ano de 1998, com alunos da Educação de Jovens e Adultos. A experiência, bem como a escolha dos lugares, partiu de demandas colocadas durante o ensino e aprendizagem de História em sala de aula. Os lugares visitados oportunizaram aos alunos construir uma relação dialética presente/passado, re-significando o processo de ensino e aprendizagem de História. A interação com objetos de memória histórica ali encontrados foi mediada por intervenção do professor, por observações e atitude de contemplação ativa. Isso possibilitou reflexões acerca da historicidade daquelas fontes. Assim, a História pôde contribuir para o conhecimento e contato dos alunos com o patrimônio histórico da cidade onde moram.

Palavras Chave: história; educação jovens e adultos; história da cidade.

Abstract

This experience with the teaching of History was accomplished through an interdisciplinary work at E. M. F. F. de Oliveira, in Betim / MG, 1998, with students of the program "Education of the Young and Adults". The experience itself, as well as the places chosen, was born inside the classroom due the demands of the students facing their own learning. The visited places gave to the students the opportunity to build a dialectic relationship between past and present, re-signifying the History teaching/learning process. The interaction with objects of historical memory, found in the places, mediated by teacher's intervention through active observation and attitude, made it possible to bring up reflections on the historicity of the sources found. Thus, History as a subject of the syllabus, contributed to the student's knowledge and to the interaction of them with the historical patrimony of the city they live.

Keywords: history; education of the young and adults; history of the city.

Introdução

Esta experiência com o ensino de História foi realizada através de um trabalho interdisciplinar na E.Municipal. F. F.de Oliveira, em Betim / MG, no ano de 1998, com alunos do segundo segmento do processo de escolarização formal da Educação de Jovens e Adultos - EJA. O objetivo central deste projeto foi dar aos alunos a oportunidade de conhecer alguns equipamentos públicos e lugares históricos da cidade de Betim, compreendendo que o processo de ensinar e aprender com os educandos deve ir além da dimensão informativa.

¹ Educador de História com a EJA da E.M. Mª E.da C.Braz – Betim/MG. Especialista em História do Brasil.

Neste sentido, a práxis educativa² interdisciplinar favorece o trabalho com vistas ao desenvolvimento de habilidades que envolvem aprender a trabalhar em grupo, socializar informações, aprender a fazer relatórios, a olhar, escutar, contemplar. Por sua vez, enquanto saber escolar, a educação histórica necessita construir um diálogo com outras áreas do conhecimento. Aos alunos da EJA, essa experiência educativa favorece a formação de um saber histórico escolar menos fragmentado, possibilitando que as realidades observadas sejam lidas a partir do ponto de vista das várias áreas do conhecimento historicamente acumulado.

Para a elaboração do projeto interdisciplinar foi escolhido como referência o centro histórico da cidade de Betim. Professores e alunos selecionaram lugares de acordo com as potencialidades de cada área do conhecimento tais como: o Hospital Público Regional, a Câmara de Vereadores, o Salão do Encontro, a Casa de Cultura Josephina Bento e a Praça Milton Campos. O ensino de História escolheu a Casa de Cultura Josephina Bento e a Praça Milton Campos. Este relato privilegiou os aspectos mais relacionados à Educação Histórica, destacando quem são os sujeitos educandos; os objetivos e conceitos que foram trabalhados.

Desenvolvimento

A Escola localiza-se na periferia da cidade, no bairro Alterosa. A fim de elucidar a escolha dos lugares torna-se necessário contextualizar os sujeitos alunos envolvidos neste trabalho. Os educandos, em sua maioria, eram trabalhadores do mercado informal no município de Contagem ou Belo Horizonte e vindos de cidades do leste e norte do estado de Minas Gerais³. Na realidade, os alunos estão inseridos em um contexto histórico mais amplo, pois, “a partir da década de 70, inicia-se um processo de urbanização de Betim influenciado, sobretudo, pela implantação de indústrias multinacionais como a FIAT, FMB e KRUPP” (PINTO, 1996), contribuindo para intensificar o grande fluxo migratório para o município naquele período, o que ainda ocorre.

Esses alunos apresentam outras características sócio-culturais, além das que já foram descritas. Segundo OLIVEIRA (1999), os alunos da EJA têm algumas marcas, adquiridas durante sua vida: “(...) sua condição de não-crianças, sua trajetória de exclusão escolar e o pertencimento a uma cultura específica”. Aspectos que devem ser considerados pelo professor de História, ao desenvolver seu trabalho. Em sua maioria, os alunos vêm de um dia inteiro de trabalho formal ou informal. São grandes suas expectativas de retorno à escola. Para alguns, inicialmente, há o predomínio de um desejo utilitarista do “estar na escola”.

² Com a expressão práxis educativa busco expressar, a partir do pensamento de Paulo Freire, a união entre reflexão e ação.

³ As informações fazem parte do diagnóstico escrito e oral construído com esses alunos, logo no início do curso.

Muitas vezes essa perspectiva é corroborada pela falta de clareza de governos, propondo cursos aligeirados na forma semipresencial ou não presencial para essa modalidade da educação. Isso compromete, em grande parte, as perspectivas de construir EJA e Educação Histórica que priorizem o acolhimento, a socialização e a experiência de um processo de ensinar e aprender com qualidade social, através do qual se consolide o desenvolvimento sócio-cognitivo, sempre defendido e construído pelos Educadores (as).

Elaborar uma práxis educativa com alunos da EJA que demande visita a lugares externos ao espaço escolar requer uma organização onde se considere a disponibilidade desses sujeitos. Muitos têm uma vida inserida na cotidianidade do trabalho, da família, envolvimento e engajamento com grupos de Igrejas, associações de bairro. Enfim, suas vidas têm outras dimensões além daquela do espaço escolar. É fundamental dialogar com essas pessoas, levando em conta ou mesmo despertando seus desejos e buscando realizar práticas educativas que lhes proporcionem, também, certo tipo de prazer, no caso intelectual, estético e o próprio ato de conhecer outros lugares de cultura. A escolha dos lugares a serem visitados buscou contemplar essa dimensão do prazer de conhecer objetos e fontes históricas. Como Historiador-Educador da EJA, avalei ser pertinente oportunizar aos alunos o contato com alguns lugares de referência histórico-cultural da cidade onde estavam residindo naquele tempo de suas vidas, criando oportunidades de acesso à visitação, ao conhecimento e informação sobre esses lugares, tendo em vista que muitos alunos das camadas populares são privados dessa experiência.

É importante dizer que tal experiência, bem como a escolha dos lugares, partiu das demandas colocadas pelo processo de ensino-aprendizagem de História no espaço da sala de aula. Dentre elas, destacam-se a superação da prática livresca e de uma narrativa única sobre os movimentos históricos, a necessidade de buscar contato mais imediato com fontes históricas e, ainda, estabelecer uma relação mais dinâmica com as diversas temporalidades do processo histórico, além da perspectiva do ensino de História proposta no Projeto Político Pedagógico para a EJA em Betim (Betim, 1996: 49):

A concepção de história que fundamenta esta proposta reafirma a necessidade de que professor e alunos busquem ver e compreender a nossa realidade: a partir de sua situação social, sua perspectiva de classe para que ele se localize na história. Trata-se de criar condições para que o aluno seja capaz de se identificar com o processo social vivido em outras épocas, ou seja, estabelecer um diálogo crítico com o passado. (Betim, 1996, p.49)

O diálogo crítico com o passado pode e deve ser construído a partir de um ensino de História que se relacione ativamente com as diversas temporalidades a partir da observação

ativa dos quadros, móveis dos séculos XVII e XVIII presentes nos lugares visitados e os objetos do século XX (fotos, roupas) que estão presentes em seu cotidiano. Pode e deve, também, problematizar o que já foi dito com perspectivas históricas cristalizadas, positivistas, lineares, etapistas que têm a História como processo dado.

Nesse período, estudávamos a História do Brasil dos séculos XVII e XVIII, buscando compreender a sociedade mineradora, a descoberta do ouro na região das Minas Gerais, o nascimento de povoados e vilas. Percebi, pela fala dos alunos, que esse conteúdo estava distante deles, como se fosse “um passado algo morto”. Para desmistificar a idéia da História ou do “passado morto”, existente só nos livros e sem relação com algo próximo deles, passei a dialogar com as duas turmas iniciais da EJA, vislumbrando a possibilidade de visitar os lugares históricos da cidade de Betim que ainda não conheciam. Isso contribuiu para incentivá-los a uma participação ativa e propositiva, porque a história da cidade tem uma relação com o tempo histórico que estávamos estudando,

A origem histórica da cidade de Betim associa-se ao ciclo do ouro da Região das Minas Gerais no início do século XVIII. (...) Em meados do século XVIII, surgiu o Arraial de Capela Nova de Betim, em torno da construção da Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo (antiga Igreja Velha). Essa igreja foi resultante da luta dos moradores da região de Bandeirinhas junto ao bispado de Mariana. Atualmente, é a região em torno da Praça Milton Campos, onde encontramos edificações antigas, sendo que o marco principal é o casarão onde funciona a Casa da Cultura “Josephina Bento”. (PINTO. 1996 pp.11)

A partir desses diálogos, percebi que a educação histórica com aqueles educandos deveria contribuir para proporcionar aos mesmos o conhecimento de lugares que integram o acervo de memórias sociais e políticas da cidade de Betim. Portanto, os locais escolhidos foram, a Casa de Cultura Josephina Bento, cujo acervo consta de quadros retratando sua primeira função, a de servir de hospedagem aos tropeiros viajantes, armas de fogo e objetos de montaria (estribos, esporas), dos séculos XVII e XVIII, e a Praça Milton Campos, marco da Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo (antiga Igreja Velha). Segundo PINTO (1996), “essa igreja foi resultante da luta dos moradores da região de Bandeirinhas, junto ao Bispado de Mariana”. Foi feito um roteiro de estudos históricos com os educandos da EJA, no qual busquei orientar, através de perguntas escritas, a observação e o olhar sobre o que haviam sido aqueles lugares e a percepção dos movimentos históricos construídos por homens e mulheres de Betim em seus tempos, no final do século XVII e início do século XVIII, e o que é hoje. No roteiro, foi problematizada a responsabilidade dos poderes públicos em conservar as memórias e identidades desses lugares da cidade. Locais que permitem mediar, através de documentos e outras fontes primárias da História aí existentes, o passado de Betim e alguns aspectos do ciclo do ouro nas Minas Gerais. A Casa de Cultura Josephina Bento

possibilitou um contato mais direto com documentos escritos, fotos, móveis, utensílios (louças) de outros tempos, o que contribuiu para que os alunos realizassem suas próprias observações, através de algumas fontes históricas. Desta forma, a relação com o passado foi uma experiência dinâmica, inserida dentro de um contexto real, a cidade onde moram. Através do contato com a própria arquitetura, do final do século XIX, da Casa de Cultura, esses alunos visualizaram parte do processo histórico dentro de um movimento com o presente, pois, aquela está inserida, por isso dialoga, com outras arquiteturas de hoje no seu entorno que são do final do século XX.

Isso afirma a importância da área do ensino de História e o papel fundamental do Historiador-Educador, sobretudo neste início de século, cuja sociedade apresenta como características a experiência do imediatismo absoluto, o imperialismo do consumo de informações, sem ao menos ter um tempo-espço para uma reflexão sobre o que nos chega através dos vários recursos da mídia. Esse processo é imprescindível na prática de uma História cidadã, que pode e deve oportunizar releituras e ampliação de fontes de consultas na experiência com o ensinar e aprender História do passado e no presente. Nossa visita aos lugares da cidade de Betim buscou, intencionalmente, construir um tempo para que os educandos observassem, pensassem sobre o que estavam vendo. Na perspectiva de Siman (2003), não se trata de um tempo de simples passividade.

O tempo da contemplação, não deve ser visto, pois, apenas como tempo da passividade. Os indivíduos necessitam deste tempo para que eles próprios vejam, explorem os objetos associando-os ou não a algum tipo de experiência passada, ou coletiva de seus grupos e culturas de referência. (SIMAN, 2003)

Sobre a importância de se considerar a relevância do passado em tempos de um utilitarismo quase contínuo do aqui e agora e o papel do historiador nesse processo, Hobsbawn (1995) constrói a seguinte argumentação,

Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio. (HOBSBAWN, 1995).

Além do processo da lembrança em si mesmo o historiador pode também contribuir em sua práxis educativa com as múltiplas possibilidades de se ampliar as leituras sobre aquele tempo histórico a partir das memórias socioculturais construídas no presente.

As visitas à Casa de Cultura Josephina Bento e à Praça Milton Campos oportunizaram, ainda, a problematização do significado tradicional do conceito de patrimônio. Para a grande maioria desses educandos, patrimônio era algo velho, antigo, sem

vida, inerte. Os objetos ficam lá parados, como que mortos. Estão ali apenas para serem vistos, como se aqueles objetos falassem por si mesmos. Entretanto, as mediações elaboradas pelo professor de História contribuíram para que os alunos re-significassem o conceito de patrimônio. A experiência de levar seus alunos a visitar lugares de memória sócio-histórica faz com que o Historiador-Educador contribua para o alargamento da compreensão da práxis do ensinar e aprender História. Antes de ir a esses lugares, alguns alunos não tinham, sequer, ouvido falar da existência dos mesmos. Como muitos são pais e mães, essa oportunidade significa ampliar seus horizontes para construir novos e diferentes diálogos educativos com seus filhos e, ainda, uma opção de lugar para ir com suas famílias, pois, além da função escolar, essa experiência oportuniza a ampliação de lugares de cultura antes desconhecidos. E assim o ensino de História vai construindo, ampliando e universalizando o acesso à cidadania cultural para as camadas populares da nossa sociedade.

Experiências do ensino de história com a EJA

É importante ressaltar que existem poucos relatos de experiências no campo do ensino de História na Educação de Jovens e Adultos. Durante muito tempo, o ensino de História estava centrado na memorização de fatos e datas considerados em si mesmos. A narração e os documentos oficiais estavam incluídos nesse processo.

Partindo da vivência com alunos da EJA, vejo que, em sua maioria, são egressos de experiências escolares anteriores, onde o ensino de História teve algumas marcas de linearidade, de saber único, completo em si mesmo.

No decorrer da visita, foram elaborados novos significados para o ensino de História, por meio de observação e contemplação ativas, registros escritos e da mediação dialógica do professor.

Após as visitas aos lugares históricos escolhidos, os alunos começaram a re-significar o processo de ensino e aprendizagem de História. Ter saído do espaço da sala de aula para outros espaços e lugares não formais de memória histórico-cultural foi muito valorizado pelos alunos, que assim se expressaram: “(...) ter aula de História ao ar livre, com movimento e podendo ver coisas que a gente só vê nos livros”. “História devia ser sempre assim...” “Não dá para ficar aprendendo parado depois de uma semana inteira de trabalho. A gente se diverte e aprende”. Todo o movimento construído ao longo dessa prática educativa, a relação ativa com os objetos de memória histórica, a mobilização, o envolvimento dos alunos, valorizando sua imaginação, intuição, sensibilidade, ao lado da cognição, deram oportunidade

para reflexões sobre o significado do processo de ensinar e aprender com a História. A mediação do professor durante as visitas aos lugares históricos, além do fato de poderem ver os quadros, objetos de montaria, armas, roupas dos séculos XVII e XVIII contribuiu também para o processo de ampliação do conceito de fontes históricas desses alunos, pois, para a maioria, até então, apenas os tradicionais registros escritos seriam fonte histórica.

A título de possíveis conclusões

Essa práxis educativa construiu um movimento ativo no processo de ensino e aprendizagem de História na EJA, ampliando o significado do ensino de História em que há uma relação mais dinâmica entre presente e passado e os conceitos trabalhados (fontes históricas, patrimônio) na prática desse saber escolar. Além disso, os conhecimentos da educação histórica possibilitaram a formação de atitudes cidadãs, no sentido inicial de acesso aos bens culturais a um setor da sociedade que historicamente sempre teve muita dificuldade para ingressar nesses lugares. Essa prática educativa contribuiu para o início da problematização e construção do ensino de História com alunos da EJA, considerando suas demandas específicas na estruturação desse saber escolar. Assim, os lugares visitados proporcionaram a vivência do diálogo com outras fontes históricas, acarretando novas leituras sobre outras temporalidades do movimento histórico em espaços não formais da educação escolar.

Referências Bibliográficas:

BETIM. Prefeitura Municipal de – Secretaria Municipal de Educação de Betim (SEMED). *Proposta político-pedagógica da Educação de Jovens e Adultos – Suplência – 5ª a 8ª séries*. Betim, 1995.

COSTA, José R. L. *Histórias Vividas e Ensinadas nas Representações de Alunos (as) Adultos (as)*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2005. 145p. (Tese, Doutorado em Educação).

GADOTTI, Moacir. *Convite à leitura de Paulo Freire*. Série: Pensamento e Ação no Magistério. São Paulo, Scipione, 1989.

HOBBSAWM, Eric J. *O SÉCULO: VISTA AÉREA-Olhar panorâmica*. In: _____ *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. São Paulo. S.P. Companhia das Letras, 1995.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem*. In: RIBEIRO, Vera M. (org.). *Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras*. Campinas. S.P: Mercado de Letras, 2001.

PINTO, Terezinha Assis. *A História da Construção de Betim: espaço geográfico construído por gente*. Betim/M.G. Prefeitura Municipal de Betim, 1996.

SIMAN, Lana M.de C. *Práticas Culturais e Práticas escolares: aproximações e especificidades no ensino de História*. In: *História & Ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História*. Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina. Paraná. Edições Humanidades, v. 9, 2003. p.185-203

SOARES, L.J.G. *Educação de Jovens e Adultos: Diretrizes Curriculares Nacionais*. Rio de Janeiro: DP&A, 165 P.2002.